

Pausa em textos orais espontâneos e em textos falados¹

Maria da Conceição Fonseca Silva²

RESUMO

A proposta deste estudo é investigar em que posições as pausas podem ocorrer em textos orais espontâneos e em textos lidos oralmente e quais as funções das pausas. A partir do trabalho de Cruttenden (1986) e de alguns conceitos do campo epistemológico da Análise do Discurso de linha francesa, levantamos a hipótese de que, além de indicarem fronteira de grupos entonacionais e de serem tomadas como fenômeno de hesitação, as pausas são formas materiais da língua que funcionam como “sítios de significância” e de identidade.

PALAVRAS-CHAVE

Pausa, texto, discurso.

¹ Agradeço os comentários e sugestões dos professores Dr^a Ester Scarpa, Dr. Sírio Possenti, Dr^a Bernadete Abaurre.

² Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Mestre em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas. Doutoranda em Lingüística pela Universidade Estadual de Campinas. (con.fonseca@uol.com.br)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“...que o não-llogicamente-estável não seja considerado a priori como um defeito, um simples furo no real.”

(*Michel Pêcheux, Discurso: estrutura ou acontecimento?*)

O objeto de estudo deste trabalho é o fenômeno prosódico denominado pausa. É necessário esclarecermos, inicialmente, que o que se costuma denominar de prosódia não são fenômenos de interesse recente. Scarpa (1999), citando Couper-Kuhlen, mostra que o termo prosódia remonta aos gregos. Estes, num primeiro momento, utilizaram a palavra *prosódia* para designar traços da fala (acento tonal ou melódico) não representados ortograficamente. Séculos mais tarde, eles introduziram tais traços na escrita, através de símbolos ortográficos denominados prosódias, empreendendo, assim, uma redução de significado ao termo que passou a denotar diferenças de duração e acento. A partir dessa vinculação acento/duração vocálica, o termo, aproximadamente no século XV, adquiriu o significado de “versificação”. E, seguindo a tradição da métrica greco-latina, surgiram as teorias literárias sobre a métrica poética quanto ao ritmo da poesia e da prosa.

Os modelos fonológicos lineares, além de trabalharem com os sofisticados estudos voltados aos aspectos segmentais, tratam também dos elementos suprasegmentais ou prosódicos, mas de modo econômico e pouco explicativo. Somente a partir das fonologias não-lineares como a fonologia autosegmental, a fonologia métrica, a fonologia lexical, a fonologia da sílaba é que os fenômenos prosódicos (altura, intensidade, duração, pausa, velocidade de fala, sistemas de tons, entonação, acento e ritmo das línguas naturais) ganharam relevância nos estudos da lingüística moderna.

Um dos modelos não-lineares que trabalham a prosódia do enunciado é o de Nespor & Vogel (1986). A chamada “fonologia prosódica” tem como preocupação principal todos os constituintes prosódicos, assim apontados pelas autoras:

- a) a sílaba, que é caracterizada como menor categoria prosódica, tendo como domínio a palavra fonológica;
- b) o pé métrico, que é caracterizado como a relação de dominâncias entre duas ou mais sílabas;
- c) a palavra fonológica, entendida como a categoria que domina o pé métrico ou os pés métricos;
- d) o grupo clítico, caracterizado como a unidade prosódica que contém um ou mais clíticos e uma só palavra de conteúdo;
- e) a frase fonológica, entendida como o constituinte que congrega as unidades imediatamente mais baixas: grupo clítico e a palavra fonológica;
- f) a frase entonacional, definida como um conjunto de frases fonológicas ou uma frase fonológica que tenha uma proeminência entonacional;
- g) o enunciado fonológico, compreendido como o constituinte mais alto e identificado pelo constituinte sintático.

Para Massini-Cagliari (1994, p. 5), uma das vantagens do modelo prosódico, com relação a outros modelos não-lineares para tratar de aspectos entonacionais, é permitir que o mesmo enunciado possa ser dividido diferentemente em constituintes, o que gera diferentes nuances de significado.

Ao tratar dos elementos prosódicos, sem assumir nenhum modelo fonológico não-linear, Cruttenden (1986, p. 1), afirma que tais elementos podem se estender a vários domínios, tais como: trechos relativamente pequenos de sentenças (sílaba, morfema, palavra) e trechos relativamente maiores de sentenças, tais como uma frase, uma oração ou uma sentença que também pode ser constituída de uma palavra.

O que se conhece como frase fonológica, frase entonacional e enunciado são denominados pelo autor de grupos entonacionais, caracterizados por serem unidades de informação sintático-semântica.

Os grupos entonacionais, para Cruttenden, podem ser delimitados pelos seguintes fenômenos prosódicos: *pausa, anacrusis, alongamento de sílaba final e mudança de nível de altura ou direção de altura entre sílabas acentuadas.*

Dos fenômenos prosódicos mencionados pelo autor, a *pausa*, pelo seu valor sintático, textual e, principalmente, discursivo, será o objeto de investigação, neste trabalho, objetivando encontrar respostas, ainda que preliminares, para as seguintes questões:

- a) *Em que posições dos textos orais espontâneos podem ocorrer pausas?*
- b) *Em que posições dos textos falados, ou seja, textos lidos oralmente, os leitores marcam pausas?*
- c) *Como se dá o funcionamento discursivo das pausas nesses dois tipos de texto?*

PAUSAS

Segundo Cruttenden (1986, p. 36), dos fenômenos prosódicos mencionados para demarcação de grupos entonacionais, a pausa é o mais citado. Salienta, entretanto, que nem sempre as fronteiras de grupos entonacionais são marcadas por pausa e que pausas nem sempre marcam tais fronteiras, pois podem ser tomadas como fenômenos de hesitação. Para esse autor, fronteiras de grupos entonacionais, em leituras ou em textos falados que são preparados, são mais aparentes que em textos orais espontâneos.

As pausas podem ser preenchidas e não preenchidas. No senso comum, estas últimas são as que permitem ao falante respirar durante a fala. Conforme Cruttenden, entretanto, esta explicação é ingênua, pois além de sermos algumas vezes, forçados a fazer pausa para respirar, “fazemos pausa por outras razões e não perdemos a oportunidade para respirar” (1986, p. 37). Esse autor aponta três posições onde pode ocorrer pausa:

- a) em fronteiras de constituintes maiores, principalmente entre orações e entre sujeito e predicados;
- b) antes de palavras de conteúdo lexical forte dentro de sintagma nominal, de sintagma verbal, de sintagma adverbial;
- c) depois da primeira palavra de um grupo entonacional.

Para ele, as pausas do tipo (1) geralmente indicam uma fronteira de grupo entonacional. As pausas do tipo (2), por sua vez, são freqüentemente tomadas como fenômenos de hesitação. Ocorrem, geralmente, quando o falante tem dificuldade de encontrar uma palavra. E as pausas do tipo (3) são também tomadas como fenômenos de hesitação. Funcionam como mecanismo de operação que o falante dispõe para planejar e reorganizar uma sentença. Geralmente, são longas, pois operam com o momento de planejamento verbal e a organização do pensamento.

A pausa é um dos elementos prosódicos que, conforme Cagliari (1993, p. 47), além de poder destacar grupos tonais,³ funcionam como elementos sinalizadores de como os interlocutores devem interpretar o que o outro diz.

Na perspectiva discursiva, defender-se-á que as pausas são formas materiais da língua que funcionam como “sítios de (re)significância”,⁴ através dos quais os sujeitos repetem, deslocam-se e rompem limites, pela possibilidade mesma de o sentido sempre poder ser outro.

Dessa perspectiva, pensar pausas é pensar *marcas de silêncio*⁵ como acontecimento fundamental de significação; é pensar um dos lugares em que há manifestação da contradição e de identificação e/ou contra-identificação dos sujeitos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o objetivo de responder às questões: *a) Em que posições dos textos orais espontâneos podem ocorrer pausas? b) Em que posições dos textos falados, ou seja, textos lidos oralmente os leitores marcam pausas?*

³ Grupo tonal e grupo entonacional têm neste artigo valores equivalentes.

⁴ Orlandi (1996, p. :64) utiliza a expressão “sítio de significância”.

⁵ Silêncio é trabalhado por Orlandi (1995) como lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido.

c) *Como se dá o funcionamento discursivo das pausas nesses dois tipos de texto?*, foi concebido um *corpus*, constituído por relato de experiência pessoal e por texto escrito para ser lido oralmente.

Na primeira etapa, foi solicitado a um indivíduo que relatasse oralmente uma experiência pessoal. Tal relato foi gravado e, em seguida, transcrito, seguindo as seguintes etapas: a) marcação das pausas, utilizando o símbolo (/) para assinalar pausa demarcadora de fronteira de grupo entonacional e o símbolo [...] para assinalar pausa de hesitação; b) identificação das posições em que ocorreram as pausas; c) análise do funcionamento discursivo das pausas.

O procedimento foi auditivo.⁶ Assinalaram-se as pausas nos trechos do relato em que houve percepção nítida.⁷

Num segundo momento, a partir do relato, foi elaborado um texto escrito e solicitado a dois indivíduos que fizessem a leitura oral do mesmo. Os textos escritos falados foram gravados. Em seguida, foram transcritos, seguindo as mesmas etapas já mencionadas.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

Relato de experiência pessoal

“Ele é apenas um suporte de um sujeito do qual uma parte lhe é invisível para sempre e que ele só pode conhecer através de uma experiência [...] experiência de discurso”
(Paul Henry, *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*).

No relato analisado, foram encontradas pausas em doze posições sintáticas, como se pode ver nos recortes a seguir:

⁶ Isto é, audição de fitas sem instrumentos.

⁷ É importante ressaltar que as pausas foram checadas pelo pesquisador, autor do trabalho, e por mais dois juizes.

Entre orações

(1) “... deixaria de ser agente de polícia (/) para me tornar um psicólogo (/) que fosse capaz de negociar (/) mediante a crise que foi instaurada.”

(2) “... pedimos a Deus (/) que nos mantivesse com força bastante (/) para não desabarmos em prantos (/) porque [...] essa não era a solução.”

(3) “... que não os visse (/) porque isso implicaria em minha derrocada psicológica.

Entre sujeito e predicado

(4) “Os amotinados [...] inquietos pediam que nós (/) rezássemos...”

(5) “Nós (/) pedíamos a Deus que nos mantivesse com força...”

(6) “O pior [...] disso tudo (/) era o botijão.”

(7) “Os amotinados (/) não nos trataram mal.”

(8) “O importante (/) era renegociar.”

Antes e depois de aposto

(9) “Nós (/) os reféns (/) pedíamos a Deus.”

Entre verbo e objeto

(10) “... pedíamos (/) força a Deus...”

(11) “... queríamos (/) as nossas famílias...”

(12) “Os amotinados pediram (/) às autoridades...”

Depois de objeto topicalizado à esquerda

(13) “Horas de sufoco (/) passamos”

Depois de adjunto adverbial topicalizado à esquerda

(14) “Felizmente (/) o alarme já tinha disparado.

(15) “Durante esses nove dias (/) eu estive algemado...”

(16) “Em momento algum (/) os amotinados (/) nos trataram mal.”

Entre oração e adjunto adverbial

(17) “Estive como refém (/) no presídio Nilton Gonçalves...”

(18) “... que fosse capaz de negociar (/) mediante crise...”

(19) “... eu estive algemado (/) juntamente com Gileno e Nilton.”

(20) “Eles não nos feriram gratuitamente (/) sem [...] motivo algum.”

Antes e depois de adjunto adverbial intercalado

(21) “já os pastores e as [...] mulheres (/) por espírito de solidariedade dos amotinados (/) não.”

(22) “Muitas vezes quando estive sentado à porta do presídio sob a mira dos objetos perfurantes (/) por parte dos amotinados (/) fiz tudo...”

(23) “Os amotinados ameaçavam que (/) no caso de [...] invasão (/) morreríamos todos.”

Entre determinante e nome

(24) “... para ser um [...] psicólogo...”

(25) “... com outros sete [...] colegas...”

(26) “ Já os pastores e as [...] mulheres...”

(27) “E o [...] pior disso tudo...”

(28) “Deus deve ter me dado muita [...] força...”

(29) “A princípio era a [...] própria conscientização a [...] preparação que cada um de nós...”

(30) “Por força das [...] circunstâncias...”

(31) “... eles não nos feriram (/) sem o [...] motivo...”

(32) “... um negociador (/) nas [...] mãos dos amotinados...”

Entre nome e adjetivo

(33) “... os amotinados [...] inquietos pediam que...”

Entre preposição e nome regido

(34) “... no caso de [...] invasão...”

Depois da primeira palavra de um grupo entonacional

(35) “... para ser um psicólogo que [...] fosse capaz de negociar...”

(36) “... nas [...] mãos dos amotinados...”

(37) “... mas [...] infelizmente o alarme já tinha tocado...”

(38) “... porque [...] essa não seria a solução.”

Através da tabela 1, pode-se visualizar as posições sintáticas, no relato, em que ocorreram as pausas, número e percentual:

Tabela 1 - Posições em que ocorrem pausas em texto oral:

Posições em que ocorrem pausas	Nº	%
1- entre orações	6	13,0
2- entre tópico e comentário	4	8,7
3- antes e depois de aposto	2	4,3
4- entre verbo e objeto	3	6,5
5- depois de objeto topicalizado à esquerda	1	2,2
6- depois de adjunto adverbial topicalizado à esquerda	3	6,5
7- entre oração e adjunto adverbial	4	8,7
8- antes e depois de adjunto adverbial intercalado	6	13,0
9- entre determinante e nome	11	23,9
10- entre nome e adjetivo	1	2,2
11- entre preposição e nome regido	1	2,2
12- depois da primeira palavra de um grupo entonacional	4	8,7
Total	46	100,0

Os dados da tabela 1 estão representados no gráfico 1, a seguir:

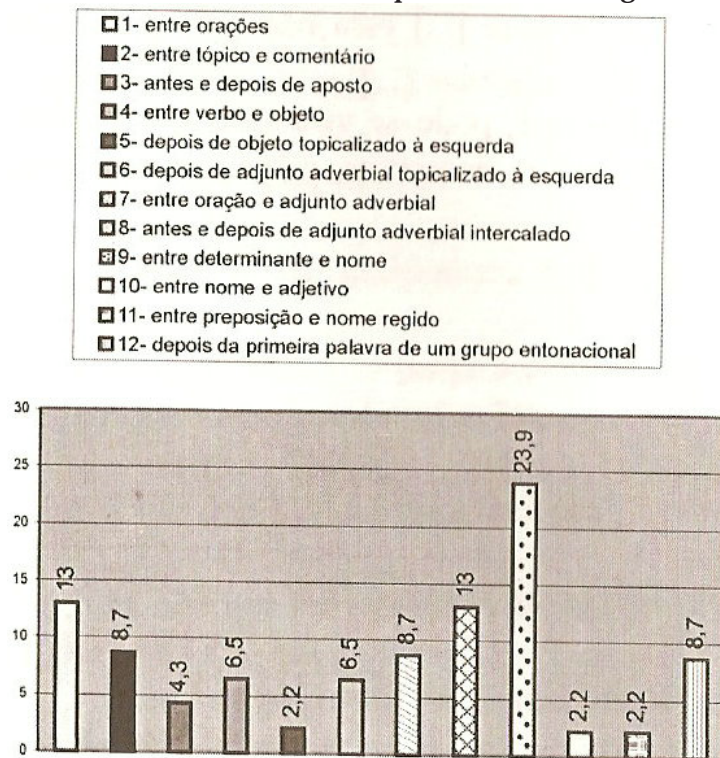


Gráfico 1 - Posições em que ocorrem pausas

Examinando a tabela 1 e o gráfico 1, observa-se que os resultados, na sua maioria, confirmam as posições sintáticas de ocorrência previstas por Cruttenden (1986).

O gráfico 2, por sua vez, indica o percentual de pausas em fronteiras de grupos entonacionais e em lugares de hesitação:

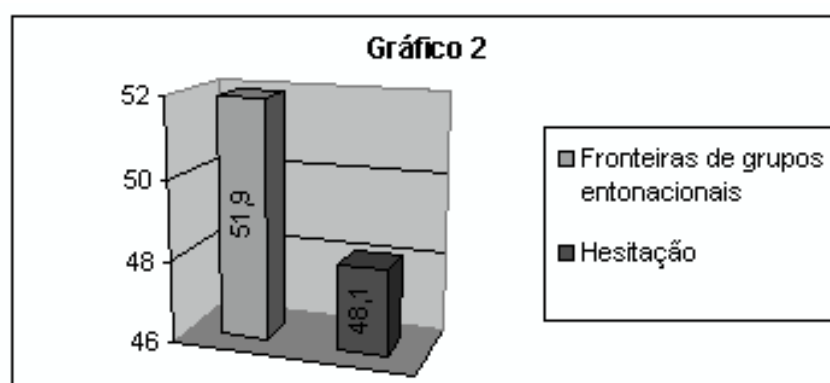


Gráfico 2 – Pausas em fronteiras de grupos entonacionais e lugares de hesitação

Nota-se que 51,9% de pausas detectadas indicam fronteiras de grupos entonacionais. Das pausas, 48,1% foram tomadas como fenômeno de hesitação (mais comuns em textos orais), pois ocorreram *antes de palavras de conteúdo lexical forte dentro de sintagma nominal, de sintagma adverbial e depois da primeira palavra de um grupo entonacional*. Essa diferença, entretanto, é estatisticamente insignificante para que se possa afirmar que ocorreu maior incidência de pausa em maior constituinte, já que os índices estão muito próximos do ponto neutro (50%).

É importante salientar, neste ponto, que, no texto analisado, as fronteiras de grupos entonacionais, marcadas por pausas, são “evidentes”. Não ocorre confusão com outros fenômenos prosódicos, tais como: *anacrusis* e alongamento de vogal de sílaba final.

Em (1) “... deixaria de ser agente de polícia (/) para me tornar um psicólogo (/) que fosse capaz de negociar (/) mediante a crise que foi instaurada.”; (2) “... pedimos a Deus (/) que nos mantivesse com força bastante (/) para não desabarmos em prantos (/) porque [...] essa não era a solução.; e (3) “... que não os visse (/)

porque isso implicaria em minha derrocada psicológica”, as pausas ocorrem entre orações. Tais pausas são previsíveis e essa previsibilidade faz parte da língua, instaurando espaço de significação, pois marcam o texto como um conjunto de relações significantes individualizadas em unidades discursivas.

Foi possível observar que, em (4) “Os amotinados [...] inquietos pediam que nós (/) rezássemos...”; (5) “Nós (/) pedíamos a Deus que nos mantivesse com força...”; (6) “O pior [...] disso tudo (/) era o botijão”; (7) “Os amotinados (/) não nos trataram mal”; e (8) “O importante (/) era renegociar”, o falante separa os enunciados em dois grupos entonacionais. Nesses casos, encontrou-se a estrutura de tópico e comentário. As pausas encontradas apresentam-se como uma materialidade simbólica que, além de ser própria da língua falada, é constitutiva no processo de significação. Essas pausas funcionam como pistas do que essa ordem significativa (tópico/comentário) pode fazer o interlocutor (ouvinte) compreender ou não.

Os casos (4), (5), (6), (7) e (8), entretanto, apresentam um *outro constitutivo* que tem a ordem significativa sujeito/predicado, formando um grupo entonacional. A materialidade simbólica é constituída na seguinte ordem: “Os amotinados [...] inquietos pediam que nós rezássemos...”; “Nós pedíamos a Deus que nos mantivesse com força...”; “O pior [...] disso tudo era o botijão”; “Os amotinados não nos trataram mal”; e “O importante era renegociar”, em que nenhuma unidade seria acentuada por pausa como um dizer importante.

Em (9) “Nós (/) os reféns (/) pedíamos a Deus”, as pausas marcam fronteiras de um constituinte: o aposto. São, portanto, previsíveis na língua e funcionam como um lugar de interpretação e significação. Ao fazer essas pausas, o falante destaca um grupo entonacional como uma ordem significativa importante e necessária no seu dizer. Essas pausas, ao acentuarem um dizer: “os reféns”, recalcam outros possíveis, impedindo que o sentido seja outro, que o sentido deslize para “amotinados” ou “reféns e amotinados”, por exemplo.

Nos casos (10) “...pedíamos (/) força a Deus...”; (11) “... queríamos (/) as nossas famílias...”; (12) “Os amotinados pediram (/) às autoridades...”, verificou-se que as pausas ocorrem entre verbos e os objetos. Nesses casos, as pausas também significam. Fazem parte do jogo sobre as regras

estabilizadas da língua enquanto sistema simbólico, caracterizando onde o não dito e o dito fazem sentido, ou seja, caracterizando onde o não dito (nesse caso, a pausa) constitui o dito. Nesses exemplos, as ordens significantes acentuadas pela pausas são os objetos: “(/) força a Deus”, “as nossas famílias...”, “às autoridades”.

Em (13) “Horas de sufoco (/) passamos”, observou-se o fenômeno de topicalização à esquerda do objeto. Em (14) “Felizmente (/) o alarme já tinha disparado”; (15) “Durante esses nove dias (/) eu estive algemado...”; e (16) “Em momento algum (/) os amotinados (/) nos trataram mal”, o fenômeno de topicalização à esquerda dos adjuntos adverbiais. Todos esses casos são previsíveis na organização da sintaxe da língua e os elementos deslocados funcionam como unidades informacionais de destaque no texto.

Na ordem do discurso, essas pausas materializadas e presentificadas, nos exemplos, fazem essas unidades significar como tópicos importantes no dizer, na tentativa de se apagar outros discursos possíveis que permitam deslizar para outros dizeres, como por exemplo: “horas de sufoco passamos”; “Felizmente o alarme já tinha disparado”; “Durante esses nove dias eu estive algemado...”; e “Em momento algum os amotinados (/) nos trataram mal”, em que as unidades, embora deslocadas, não são acentuadas .

Já em (17) “Estive como refém (/) no presídio Nilton Gonçalves...”; (18) “... que fosse capaz de negociar (/) mediante crise...”; (19) “... eu estive algemado (/) juntamente com Gileno e Nilton”; e (20) “Eles não nos feriram gratuitamente (/) sem [...] motivo algum”, os grupos entonacionais seguem a ordem contrária. Temos oração mais adjuntos adverbiais. As pausas, nesses exemplos, põem em destaque as unidades de informação contidas nas orações. Se o falante não tivesse feito essas pausas, os enunciados funcionariam como um grupo entonacional, sem destacar a unidade informacional contida nos adjuntos: “Estive como refém no presídio Nilton Gonçalves...”; “... que fosse capaz de negociar mediante crise...”; “... eu estive algemado juntamente com Gileno e Nilton”; e (20) “Eles não nos feriram gratuitamente sem [...] motivo algum”.

As pausas que aparecem em (21) “já os pastores e as [...] mulheres (/) por espírito de solidariedade dos amotinados (/) não”; (22) “Muitas vezes quando estive sentado à porta do presídio sob a mira dos objetos perfurantes (/) por parte

dos amotinados (/) fiz tudo...”; e (23) “Os amotinados ameaçavam que (/) no caso de [...] invasão (/) morreríamos todos”, destacam os grupos entonacionais, adjuntos adverbiais intercalados, como unidades informacionais que funcionam como argumentos fortes de um enunciado maior. Essas unidades informacionais, no entanto, poderiam não ser acentuadas pelas pausas que, por sua vez, deixariam de constituir o dito.

Nesses exemplos, as posições em que ocorre pausa são previsíveis no funcionamento da língua. Mas esse movimento das pausas, acentuando ora uma ordem significativa ora outra, no dizer, indica que é possível manipular significações estabilizadas e transformar sentidos, pois estes são produzidos *na* e *pela* materialidade da língua. Em outras palavras, esse poder acentuar ou não, por pausas, uma ordem significativa, no dizer, é possível por causa da equivocidade da língua.

Nos casos (24) “... para ser um [...] psicólogo...”; (25) “... com outros sete [...] colegas...”; (26) “Já os pastores e as [...] mulheres...”; (27) “E o [...] pior disso tudo...”; (28) “Deus deve ter me dado muita [...] força...”; (29) “A princípio era a [...] própria conscientização a [...] preparação que cada um de nós...”; (30) “Por força das [...] circunstâncias...”; (31) “... eles não nos feriram (/) sem o [...] motivo...”; (32) “... um negociador (/) nas [...] mãos dos amotinados...”; (33) “... os amotinados [...] inquietos pediam que...”; (34) “... no caso de [...] invasão...”, as pausas são do tipo 2. Ocorrem antes de fronteiras de constituintes menores. São tomadas como fenômeno de hesitação, porque revelam “dificuldades” que o falante tem de convocar palavras ou seqüências para tornar possível o seu dizer.

As pausas encontradas em (35) “... para ser um psicólogo que [...] fosse capaz de negociar...”; (36) “... nas [...] mãos dos amotinados...”; (37) “...mas [...] infelizmente o alarme já tinha tocado...”; (38) “... porque [...] essa não seria a solução”, são do tipo 3. Ocorrem depois da primeira palavra dos grupos entonacionais. São, também, interpretadas como fenômeno de hesitação. No processo de produção do texto, o falante hesita para (re)significar e/ou (re)inscrever-se.

Enfim, as pausas que foram encontradas nos casos de (24) a (38) são constitutivas dos textos orais espontâneos. São formas materiais que manifestam a instabilidade da língua. Além disso, funcionam como

lugares de (re)significância. O falante (re)inscreve-se em um processo de identificação por filiação, deslizando para outra forma de dizer. Ao fazer essas pausas, o falante “como aquele que cometeu um lapso: não é ele que o fez, é a sua língua que bifurcou...” (HENRY, 1992, p. 171).

Texto lido oralmente

“Face a qualquer objeto simbólico, o sujeito se encontra na necessidade de “dar” sentido. E o que é dar sentido? Para o sujeito que fala é construir sítios de significância [...], é tornar possíveis gestos de interpretação.” (Eni Orlandi, *Interpretação*)

Ao fazer a leitura oral do texto solicitado, os leitores⁸ (1) e (2) fizeram as seguintes pausas:

Leitor (1)

A rebelião (/) que ocorreu (/) no presídio Nilton Gonçalves (/) foi horrível (/) Eu (/) e mais alguns colegas (/) fomos tomados como reféns.

Nos dias de confusão (/) eu (/) deixaria de ser agente de polícia (/) para me tornar um psicólogo (/) que fosse capaz (/) de negociar com os presidiários (/) Eu queria resolver aquela situação (/) que deixou nossas famílias desesperadas.

A polícia (/) ameaçava invadir o presídio (/) o tempo todo (/) E os amotinados diziam que (/) se a polícia invadissem (/) nós morreríamos todos.

Foram dias difíceis (/) Não vou me esquecer (/) Pedíamos (/) a Deus que nos desse (/) a força necessária (/) para que nos mantivéssemos calmos (/) e não desabássemos em prantos (/) Não podíamos reagir (/) Só pensávamos (/) em nossas famílias.

⁸ Os leitores considerados, neste trabalho, possuem o terceiro grau. São considerados leitores “fluentes”.

Leitor (2)

A rebelião que ocorreu no presídio Nilton Gonçalves (/) foi horrível (/) Eu e mais alguns colegas (/) fomos tomados como reféns.

Nos dias de confusão (/) eu deixaria de ser agente de polícia (/) para me tornar um psicólogo (/) que fosse capaz de negociar com os presidiários (/) Eu queria resolver aquela situação (/) que deixou nossas famílias desesperadas.

A polícia ameaçava invadir o presídio o tempo todo (/) E os amotinados diziam que (/) se a polícia invadissem (/) nós morreríamos todos.

Foram dias difíceis (/) Não vou me esquecer (/) Pedíamos a Deus que nos desse a força necessária (/) para que nos mantivéssemos calmos (/) e não desabássemos em prantos (/) Não podíamos reagir (/) Só pensávamos em nossas famílias.

Comparando a transcrição da leitura oral do leitor (1) com o do leitor (2), verifica-se que, embora tenha sido solicitado que os leitores fizessem a leitura oral da mesma materialidade textual, a marcação de pausas ocorreu de maneira diferente.

As posições sintáticas de ocorrência e número de pausas podem ser visualizados na tabela 2, a seguir:

Tabela 2 – Posições em que ocorrem pausas em texto lido oralmente:

Posições de ocorrência na leitura do texto	Leitor 1	Leitor 2
	Nº	Nº
1- entre orações	12	12
2- entre sujeito e predicado	3	0
3- depois do primeiro núcleo de sujeito com posto	1	0
4- antes e depois de oração intercalada	3	2
5- depois de ajuento adverbial deslocado à esquerda	1	1
6- entre oração e adjunto adverbial	1	0
7- entre verbo e objeto	2	0
8- entre nome e complemento	1	0
Total	24	15

Como se pode observar na tabela 2, o leitor (1) fez vinte e quatro pausas. Tais pausas ocorreram em oito posições sintáticas que indicam fronteiras de grupos entonacionais: entre orações; entre sujeito e predicado; depois do primeiro núcleo do sujeito composto; antes de oração intercalada; depois de adjunto adverbial deslocado à esquerda; entre oração e adjunto adverbial; entre verbo e objeto; e entre nome e complemento. Ressalta-se que a pausa entre o sujeito e predicado transformou a estrutura em tópico e comentário.

Voltando à tabela 2, podemos observar que o leitor (2) fez quinze pausas, distribuídas em três posições: entre orações; antes e depois de oração intercalada; e depois de adjunto adverbial deslocado à esquerda.

Analisando a tabela 2, é possível perceber que, tanto na leitura oral feita pelo leitor (1) quanto na leitura oral feita pelo leitor (2), as pausas ocorreram em fronteiras de grupos entonacionais. Não ocorreram pausas de hesitação. Esse fato parece indicar que, em leitura oral feita por leitores “fluentes”, as pausas do tipo 1 são previsíveis. Já as pausas do tipo 2 e 3 não são comuns.

Verificando a tabela 2, percebe-se, ainda, que os dois leitores coincidiram em fazer pausas entre orações, depois de adjunto adverbial deslocado à esquerda, e antes e depois de oração intercalada. Os dados que mostram a coincidência de destaque das mesmas unidades informacionais podem ser interpretados como manifestação de identificação dos leitores reais com o leitor previsto no texto. A pontuação do texto escrito aparece como censura dos processos de significação do texto lido e funciona como uma interdição à interpretação, inscrevendo, de certa forma, as posições sintáticas onde deve ser feitas as pausas pelo intérprete ideal, previsto para fazer leitura oral linear e superficial.

Acontece, entretanto, que o leitor (1) fez vinte e quatro pausas e o leitor (2) fez quinze pausas; que o leitor (1) marcou pausas em oito posições sintáticas e o leitor (2), somente em três posições. *Por que o leitor (2) não fez pausas em todos lugares feitos pelo leitor (1)? Por que as pausas ocorreram nesses e não em outros lugares?*

Os fatos observados nos levam a postular que as pausas feitas pelos leitores (1) e (2), considerados fluentes, funcionam como “sítios

de significância”, como espaço possível de singularidade⁹ dos leitores. Se o leitor (2) não fez pausas em todas as posições sintáticas feitas pelo leitor (1) é porque, apesar da interdição imposta pela pontuação, a leitura é um ato singular. Assim, o fato de os leitores terem se movimentado diferentemente, ao ler oralmente o texto escrito, significa diferentes gestos de interpretação que dão identidade aos sentidos e aos leitores.

Esse movimento diferente dos leitores (1) e (2) é possível porque há “um real constitutivamente estranho à univocidade lógica” (PÊCHEUX, 198, p. 43).

Na materialidade textual imposta aos leitores (1) e (2), está inscrito um leitor virtual, um intérprete ideal. Mas o leitor (1) não se reconhece nesse leitor virtual, como podemos observar:

Leitor Virtual	Leitor (1)	Leitor (2)
A rebelião que ocorreu no presidio Nilton Gonçalves foi horrível. Ela é mais alguma colega ferros tomados como reféns.	A rebelião (1) que ocorreu (1) no presidio Nilton Gonçalves (1) foi horrível (1) Ela (1) é mais alguma colega (1) ferros tomados como reféns.	A rebelião que ocorreu no presidio Nilton Gonçalves (1) foi horrível (1) Ela é mais alguma colega (1) ferros tomados como reféns.
Nos dias de confusão, eu deturba de ser agente de polícia para me tornar um psicólogo que fosse capaz de negociar com os presidiários. Eu queria resolver aquela situação, que deixou nossas famílias desesperadas.	Nos dias de confusão (1) eu (1) deturba de ser agente de polícia (1) para me tornar um psicólogo (1) que fosse capaz (1) de negociar com os presidiários (1) Eu queria resolver aquela situação (1) que deixou nossas famílias desesperadas.	Nos dias de confusão (1) eu deturba de ser agente de polícia (1) para me tornar um psicólogo (1) que fosse capaz de negociar com os presidiários (1) Eu queria resolver aquela situação (1) que deixou nossas famílias desesperadas.
A polícia ameaçava invadir o presidio o tempo todo. E os amotinados dizem que, se a polícia invadisse, nós morreríamos todos.	A polícia (1) ameaçava invadir o presidio (1) o tempo todo (1) E os amotinados dizem que (1) se a polícia invadisse (1) nós morreríamos todos.	A polícia ameaçava invadir o presidio o tempo todo (1) E os amotinados dizem que (1) se a polícia invadisse (1) nós morreríamos todos.
Foram dias difíceis. Não vou me esquecer. Pedimos a Deus que nos desse a força necessária para que nos mantivéssemos calmos e não desobedecêssemos em prantos. Não podíamos reagir. Só pensávamos em nossas famílias.	Foram dias difíceis (1) Não vou me esquecer (1) Pedimos (1) a Deus que nos desse (1) a força necessária (1) para que nos mantivéssemos calmos (1) e não desobedecêssemos em prantos (1) Não podíamos reagir (1) Só pensávamos (1) em nossas famílias.	Foram dias difíceis(1) Não vou me esquecer (1) Pedimos a Deus que nos desse a força necessária (1) para que nos mantivéssemos calmos (1) e não desobedecêssemos em prantos (1) Não podíamos reagir (1) Só pensávamos em nossas famílias.

⁹ Singularidade que não está ligada à individualidade.

O leitor (1), ao fazer vinte e quatro pausas, resiste à leitura imposta e, pelo processo de contra-identificação à posição de sujeito-leitor prevista na materialidade textual, acentua outras ordens significantes no texto, produzindo contradições. Em outras palavras, desliza-se para outras formas de dizer, mostrando que há outros lugares para significar, que há outra leitura, outra posição de sujeito-leitor que pode (re)significar.

O leitor (2), por sua vez, identifica-se com a posição de sujeito-leitor prevista na materialidade textual, apontando para uma forma de significar diferente da apontada pelo leitor (1).

Enfim, as pausas feitas pelos leitores (1) e (2), durante a leitura oral do texto escrito, indicam movimentos concomitantes e ao mesmo tempo antagônicos de leituras. Isso nos leva a crer que há *efeitos-leitores nos leitores*¹⁰ (1) e (2), correspondentes ao *outro* constitutivo que abre a possibilidade de interpretar. Esses efeitos-leitores são resultados das relações de identificação ou contra-identificação entre os leitores reais e as posições de sujeito-leitor, inscritas no interdiscurso.

Além disso, o movimento das pausas, encontrado nas leituras feitas pelos dois leitores, aponta para um funcionamento de autoria que tenta imobilizar nos “sítios de (re)significância” o que se movimenta pelo interdiscurso. Os leitores (1) e (2) se representam no lugar do autor e, pela função autoria, jogam na configuração da unidade textual.

¹⁰ Ao tratar da questão sobre leitor e efeitos-leitores, Indursky (1998, p. 191-2) afirma que um mesmo sujeito-leitor não pode identificar-se com diferentes efeitos-leitores, salientando que passar de um sujeito-leitor para outro pode significar uma troca no nível do sujeito empírico, mas que passar de um efeito-leitor a outro implica necessariamente passar de uma formação discursiva para outra. Desconfio, entretanto, que pode haver efeitos-leitores num mesmo leitor, ou seja, a partir da mesma materialidade textual, um leitor real pode produzir leituras diferentes, identificando-se num determinado momento e contra-identificando-se, em outro; pode salientar, com pausas, uma ordem significativa como uma unidade importante no texto, num determinado momento, e deslizar para outra forma de dizer, em outro, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise, foi possível observar que, embora, nos textos orais, sejam mais comuns as pausas de hesitação, no relato de experiência pessoal, ocorreu um percentual semelhante de pausas demarcadoras de fronteiras de grupos entonacionais e de pausas de hesitação. Isto indica que a ocorrência destas ou daquelas, em textos orais espontâneos, por exemplo, não são auto-evidentes.

No tocante ao texto escrito falado, tanto o leitor (1) quanto o leitor (2) fizeram pausas demarcando somente fronteiras de grupos entonacionais. Tal fato parece indicar que pausas de hesitação em textos escritos falados não são evidentes e nem aparentes.

Um outro ponto importante observado diz respeito às posições sintáticas em que ocorreram as pausas. Em se tratando daquelas demarcadoras de fronteiras entonacionais, verificou-se que, em relato de experiência pessoal, as pausas podem ocorrer: *entre orações; entre sujeito e predicado; entre verbo e objeto; depois de adjunto adverbial deslocado à esquerda; entre oração e adjunto adverbial; antes e depois de adjunto adverbial intercalado e de aposto; e depois de objeto topicalizado à esquerda*. E que, em textos escritos falados, podem ocorrer: *entre orações; entre sujeito e predicado; depois do primeiro núcleo de sujeito composto; antes e depois de oração intercalada; depois de adjunto adverbial deslocado à esquerda; entre oração e adjunto adverbial; entre verbo e objeto; e entre nome e complemento*.

No tocante àquelas que foram tomadas como fenômenos de hesitação, observou-se que, em relato de experiência pessoal, podem ocorrer *entre determinante e nome; entre nome e adjetivo; entre preposição e nome regido; depois da primeira palavra de um grupo entonacional*. E que, em textos escritos falados por leitores fluentes, esse tipo de pausa parece não ser comum.

Com relação ao funcionamento discursivo das pausas, foi possível observar que:

- a) em textos orais espontâneos, as pausas parecem ocorrer em lugares esperados e, por vezes, inesperados, mas possíveis, dada a equivocidade da língua, que é indefinida e indeterminada;

funcionam como um dos lugares em que se pode acentuar uma ordem significativa (ver casos de 1 a 23) ou convocar um outro dizer (ver casos de 24 a 38), funcionando, nesses casos, como “sítios de (re) significância”, através dos quais, o falante (re)inscreve-se em um processo de identificação por filiação, deslizando para outra forma de dizer; funcionam como espaços possíveis de singularidade de leitores fluentes, assim como espaços de resistência ao univocamente estável, apesar da interdição à leitura;

b) em leitura oral de textos escritos, as pausas funcionam como “sítios de significância” e de identidade que podem ser ocupados por efeitos-leitores diferentes, resultados da manifestação de identificação ou contra-identificação dos leitores; funcionam, também, como lugares de manifestação de autoria dos leitores.

Depois do exposto, postula-se que as pausas funcionam como formas materiais que manifestam a instabilidade e o equívoco da língua. Não se juntam ao dito, mas o constituem.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, L. C. “Da importância prosódica de fatos gramaticais”. In: ILARI, R (org.). **Gramática do português falado**. Vol. II: Níveis de análise lingüística. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

CRUTTENDEN, A. **Intonation**. London: Cambridge University Press, 1986.

INDURSKY, F. “A prática discursiva da leitura”. In: ORLANDI, E. (org.). **A leitura e os leitores**. Campinas: Pontes, 1998.

HENRY, P. **A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

MASSINI-CAGLIARI, G. “Por uma fonologia métrico-prosódica”.
In: **Anais do Seminário do Gel**. São Paulo, 1994.

NESPOR, M. & VOGEL, I. **Prosodic phonology**. Dordrecht-
Holland: Foris Publications, 1986.

ORLANDI, E. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos.
Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

_____. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho
simbólico. São Paulo: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, M. **Estrutura ou acontecimento?** São Paulo: Pontes,
1990 [© 1983].

SCARPA, E. M. **Estudos de prosódia**. Campinas: Editora da
UNICAMP, 1999.

TITLE: Pauses in spontaneous oral texts and in spoken texts

AUTHOR: Maria da Conceição Fonseca Silva

ABSTRACT:

This paper aims at investigating the position and the function of pauses in spontaneous speech and during oral readings. Taking as a starting point Cruttenden's work (1986) and the framework of the French school of Discourse Analysis, we examine the hypothesis that, in addition to indicating the boundaries of intonational groups and of being part of the hesitation phenomenon, pauses are also material forms of the language, operating as sites of significance and identity.

Keywords: Pause, text, discourse.

TITRE: Les pauses dans les textes oraux spontanés et dans les textes parlés

AUTEUR: Maria da Conceição Fonseca Silva

RÉSUMÉ:

Premièrement, cet article essaye de montrer les endroits où peuvent se produire les pauses dans la parole spontanée et pendant les lectures orales; deuxièmement, il montre les fonctions des pauses. Ayant comme point de départ Cruttenden (1986) et quelques concepts de l'Analyse du Discours de l'École Française, nous examinons l'hypothèse selon laquelle, en plus d'indiquer la frontière de groupes d'intonation et d'être prises comme un phénomène d'hésitation, les pauses sont des formes matérielles de la langue et opèrent comme des "sites de signification" et d'identité.

Mots-Clés: Pause, texte, discours.

TÍTULO: Pausas en textos orales espontáneos y textos hablados

AUTOR: Maria da Conceição Fonseca Silva

RESUMEN:

Este artículo investiga en que posiciones las pausas pueden ocurrir en el discurso espontáneo y durante las lecturas orales; y cuales las funciones de las pausas. Conforme Cruttenden (1986) y algunos conceptos del campo epistemológico de la Análisis del Discurso de la Escuela francesa, nosotros examinamos la hipótesis que las pausas no sólo indican límites de grupos de entonación o podrían ser interpretadas como un fenómeno de vacilación, pero también son formas materiales del idioma y operan como sitios de significado y identidad

Palabras-Clave: Pausa, texto, discurso.